



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/que-abutres/>

Que abutres são esses? ou Carta a Candinho e a Graciliano

Davina Marques ¹

RESUMO: Este ensaio apresenta uma composição com imagens a partir de uma conversa imaginária com os artistas Candido Portinari e Graciliano Ramos. Ressalta-se a pertinência de suas obras para a discussão do tema dos refugiados climáticos, explorando em especial a alusão a aves que podem fazer mal ao homem. O ensaio provoca a pensar para além do abutre, em seu sentido figurado, provocando o pensar sobre o homem causador de mudanças que levam a deslocamentos por Gaia.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança climática. Refugiados. Experimentação escrita e imagética.

What kind of vultures are they? or Letter to Candinho and Graciliano

ABSTRACT: This essay presents a composition with images from an imaginary conversation with the artists Candido Portinari and Graciliano Ramos. We reaffirm the relevance of their works to the discussion of climate refugees, exploring the allusion to birds that can harm humans. The essay invites to think of the vultures, in a figurative sense, pointing to man who causes changes that lead to displacements throughout Gaia.

KEYWORDS: Climate change. Refugees. Written and image experimentation.

¹ Doutora em Letras. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. E-mail: davina.marques@ifsp.edu.br



Querido Candinho!

Querido Graciliano!

Primeiramente peço desculpas por chamá-lo assim, Candinho. É que normalmente eu me refiro a você como Portinari, mas quando escrevi apenas o primeiro nome do Graciliano Ramos, achei que usar seu sobrenome ficaria muito formal. Para lhe demonstrar o devido afeto, escolho o seu apelido de infância... Parece que ficou bem nos cumprimentos.

Escrevo porque vi a chamada da *ClimaCom* e logo pensei em vocês. Em vocês e nos autores de voz indígena, que tanto me têm ensinado nos últimos anos. Tem, por exemplo, o Ailton Krenak, que anda anunciando suas ideias para adiarmos o fim do mundo... Tem o Davi Kopenawa, que fala de sustentar o céu... E tem tantas outras gentes, indígenas e do povo negro também, me povoando de histórias que me fazem pensar na vida e nas nossas respostas a ela. Acho que vocês iam gostar de saber do *Torto Arado*, do baiano Itamar Vieira Júnior. História forte de gente ligada ao chão.

Voltando à chamada, vejam só, é para um dossiê, com o tema “Esse lugar, que não é meu?”, para pensar refugiados climáticos. Eu confesso que, em um primeiro momento, pensei na agonia, no desespero, no sofrimento daqueles que partem de suas terras. A propósito, tem uma série nova passando que eu acabei de ver (acho que vocês nem sabem o que é isso – uma novela em capítulos, apresentada como filme, na televisão – que vocês viram surgir. A série de que falo, especificamente, hoje se pode ver sem ter que esperar a nova edição a cada semana, desde que use um sistema pago à parte... claro). Chama-se “Estado Zero”. Pois então, trata-se de histórias de pessoas que chegam à Austrália de barcos, fugindo de diversas situações de opressão, e são enviadas para uma prisão, onde ficam aguardando o julgamento de seus casos. Nessa série tem a história de Ameer, um professor que foge do Afeganistão com sua esposa e duas filhas. Não vou entrar em detalhes, mas, ao final, para proteger a filha, ele abre mão da sua paternidade – e a série relata com força essa dor. Disse que era mentira que era pai da menina que sobreviveu à viagem de barco, quando a mãe e a irmã morreram, viagem que ela realizou separadamente dele. É uma das várias narrativas que nos



Revista ClimaCom, Esse lugar que não é meu? | pesquisa – artigos | ano 9, no. 21, 2021

emociona nessa série. É terrível imaginar que o mundo tem milhares dessas pessoas que partem em busca de um lugar melhor e que, em suas jornadas, encontram tanta miséria, outras misérias, são subjugadas, humilhadas, violentadas, às vezes até à morte...

Há relato de milhões de pessoas no mundo que vivem em condições de refugiados em vários países. Muitas vezes por causa de guerras, de disputas territoriais, de questões políticas. Mas o clima, que anda mudando tanto no nosso planeta, é também responsável por diversas situações de êxodo, na maior parte das vezes relacionada a gente pobre, sem qualquer amparo. Estado zero.

Muitas vezes nos parece o fim do mundo. E volto a pensar no Krenak, que traz mais gente bacana para esta conversa:

O antropólogo Viveiros de Castro diz que os povos indígenas se especializaram em fim de mundo, porque eles viveram o fim de muitos mundos. Alguns registros contam que nós éramos mais de 900 etnias de povos diferentes aqui. Os Tupinambá lá no litoral, os Guarani, os Tupiniquim, os Xavante, os Krenak, os Caiapó, os Yanomami, os Kaingang, uma lista enorme, e que foram sendo eliminados durante a colonização até que chegaram a 305, como são contados hoje. É escandaloso que um continente tenha matados seus povos nativos para plasmar uma colonização, com outras línguas, com outras ideias, com outras histórias, numa marcha constante, matando os rios, derrubando a floresta, tacando fogo na Amazônia... Então é isso que eu chamo de distopia. Em vez de a gente construir uma visão que nos anima sobre o futuro, um possível futuro dessa tal de humanidade, nós só aprofundamos o abismo entre os que têm tudo e aqueles que não têm nada. O abismo entre os muito ricos e os pobres, ele é tão escandaloso que hoje o mundo está vivendo uma realidade de povos refugiados, né? Eu não imaginei que a Amazônia fosse constituir um território de refugiados. Que os nossos vizinhos da Venezuela e de outros países, que sofreram também pela consequência das mudanças climáticas, pela desestabilização política de seus países, estão se refugiando na Amazônia. É assustador imaginar que nós estamos entrando em um cenário de mundo em conflito, onde até regiões do mundo que eram sonhadas como paraísos estejam se tornando acampamentos de refugiados. (KRENAK, 2021, n.p.)

É escandaloso... Continentes matam e oprimem seus povos nativos. Ou mataram e oprimiram, deixando-os em situação de margem, que os coloca em situação insuportável hoje. Enorme é a destruição da nossa Terra.



Revista ClimaCom, Esse lugar que não é meu? | pesquisa – artigos | ano 9, no. 21, 2021
Vivemos um momento da história do nosso país que vocês nem iriam acreditar! E não é só aqui... E então pensei em abutres.

Fiz estas três composições, que compartilho com vocês:



Figura 01 – Sofrer

Fotografia e fotogramas em composição. Acervo pessoal.

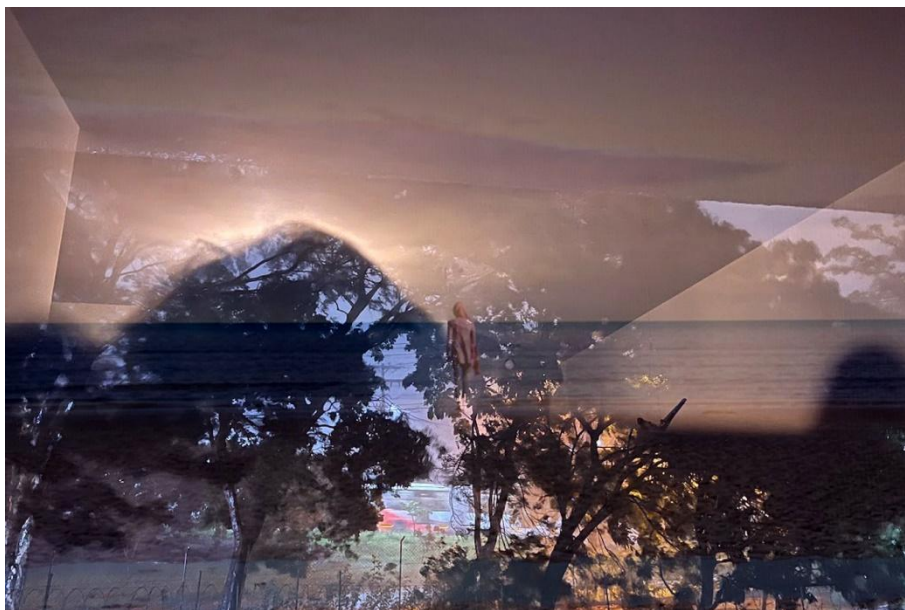


Figura 02 – Sonhar

Fotografia e fotogramas em composição. Acervo pessoal.

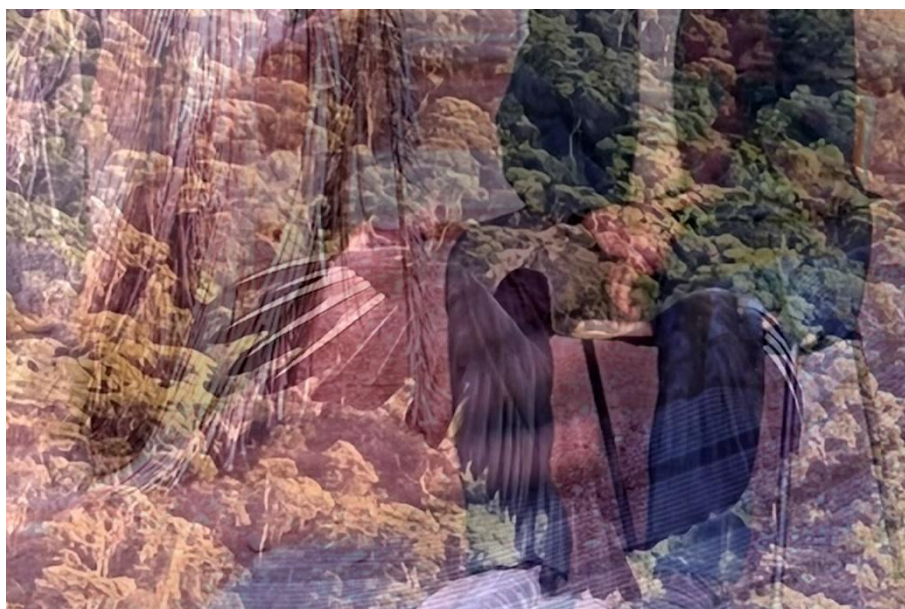


Figura 03 – Esperar

Fotografia e fotogramas em composição. Acervo pessoal.

Sofrer, sonhar, esperar... O movimento de quem parte. Vocês sabem. Vocês já nos mostraram isso.



Figura 04: *Retirantes*, de Candido Portinari (1944).

Óleo sobre tela

180,00 cm x 190,00 cm

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP, SP)

Foto de Pedro Campos/ Elizabeth Kajiya/ Marcia Rizzuto (IFUSP) – MASP.

... Retomo seu *Retirantes*, Candinho:

... Releio seu *Vidas Secas*, Graciliano.

Esse caminhar desgraçado, descalço, sob sol escaldante e terra ardente, continua sendo a realidade de muita gente no nosso país e pelo mundo. E há essas aves rondando as pessoas nessas duas obras suas. Sinha Vitória dizia que elas eram a ‘causa’ da morte da criação...



O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (RAMOS, 1983, p. 108).

Fabiano desconfiava, mas acabou compreendendo o que a mulher queria dizer: “[...] aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finar-se, até os espinhos secariam.” (RAMOS, 1983, p. 110).

Apreendi apenas recentemente que Vidas Secas talvez tivesse recebido o título desse capítulo de onde tirei as citações: “O mundo coberto de penas” (BBM, 2016). As penas das aves, os sofrimentos que os animais lembra(va)m; as penas, as dores e desgraças que afeta(va)m os retirantes.

“Que [...] fazer? [...] Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela.” (RAMOS, 1983, p. 126). O que há de civilizado num planeta com gente que se destrói a si mesma?

Assim como a família não tem saída, ao refugiado só lhe resta partir, buscar outro canto para um viver melhor. Mas há abutres. Sempre há abutres. Não imaginam como a obra de vocês continua terrivelmente atual.

Vocês dois, de alguma forma, artisticamente, já mostraram a relação com essas ‘aves’ que rondam quem precisa fugir das secas. E ainda não fomos capazes de fazer nada com isso. A gente se emociona com a obra de arte e é incapaz de impedir que a desgraça anunciada continue acontecendo.

Fiquei pensando em abutres... Abutres que se aproveitam da morte para benefício próprio, que obtêm vantagens com o desaparecimento de outros, exploradores da nossa Gaia, destruidores da Terra, usurários de nosso chão, donos de gente tratada como coisa descartável, dispensável.

Que abutres são esses que continuam nos condenando a morrer, a partir?

Vocês fazem muita falta por aqui. Talvez conseguissem nos mostrar, ainda de outra forma e somando-se às vozes que o anunciam, um jeito outro de adiar o fim do mundo, com literatura e pintura.

Um abraço, com admiração, e com uma saudade enorme.



Davina

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 15/04/2022

Bibliografia

BBM - Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. **Blog da BBM**. Vidas secas - a história por trás do título. São Paulo, 28 set. 2016. Disponível em: <https://blog.bbm.usp.br/2016/o-mundo-coberto-de-penas/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

ESTADO Zero. Direção: Emma Freeman e Jocelyn Moorhouse. Minissérie. Los Gatos, California, USA: Netflix, 2020. 1 Temporada (6 episódios).

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Mais ideias para adiar o fim do mundo. **Redação Quatro Cinco Um**. Podcast de 04 jun. 2021. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/podcasts/repertorio-451-mhz/mais-ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo>. Acesso em: 06. jun. 2021.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 51.ed. São Paulo: Record, 1983.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.